

Bloco Mágico  
Boletim Nacional do Corpo Freudiano Escola de Psicanálise  
Número 1 – Agosto de 2017

Seções

Belém (PA)  
Campos dos Goytacazes (RJ)  
Fortaleza (CE)  
Goiânia (GO)  
Imperatriz (MA)  
Paris (França)  
Rio de Janeiro (RJ)  
São Luís (MA)  
Teresina (PI)



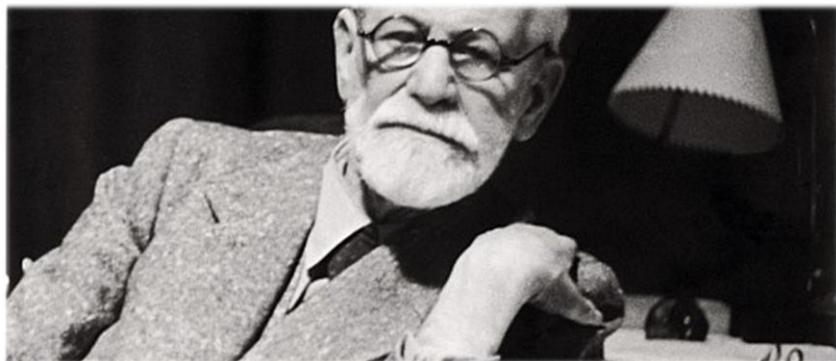
Núcleos

Barra Mansa (RJ)  
Cuiabá (MT)  
Dourados (MS)  
João Pessoa (PB)  
Macaé (RJ)  
Nova Friburgo (RJ)  
São Paulo (SP)  
Teresópolis (RJ)  
Vassouras (RJ)

Sumário

|  |    |
|--|----|
| 1) Editorial .....                                   | 2  |
| 2) Convocatória do VII Encontro Nacional .....       | 3  |
| 3) Cartéis em funcionamento .....                    | 6  |
| 4) Publicações recentes .....                        | 11 |
| 5) Textos clássicos da história da psicanálise ..... | 14 |
| 6) Experiências de estudo e trabalho .....           | 25 |
| 7) Próximos eventos .....                            | 26 |
| 8) Ficha técnica .....                               | 32 |

Observação: Este boletim interno se destina exclusivamente ao uso dos membros das diversas Seções e Núcleos do Corpo Freudiano Escola de Psicanálise.



“Não pode haver mais dúvida alguma de que ela [a psicanálise] continuará; comprovou sua capacidade de sobreviver e de desenvolver-se tanto como um ramo do conhecimento quanto como um método terapêutico.”  
(Sigmund Freud, Pós-escrito de 1935 a *Um estudo autobiográfico*)

“Não instituímos o novo senão no funcionamento.”  
(Jacques Lacan, Proposição de 9 de outubro de 1967: sobre o psicanalista da Escola)

## 1) Editorial

### Uma nota sobre o bloco mágico

Esse é o título de um pequeno texto escrito por Freud em 1924<sup>1</sup>. Nele, o pai da psicanálise traça analogias entre sua teoria do aparelho psíquico e o funcionamento de um curioso objeto que havia acabado de ser lançado no mercado. Tratava-se do bloco mágico, uma prancha cuja superfície possibilita que aquilo que é escrito seja posteriormente apagado, dando lugar a novas possibilidades de inscrição.

O artigo se inicia com uma bela reflexão sobre as maneiras através das quais a humanidade constrói dispositivos para ampliar sua capacidade de memória através de anotações.

Desse modo, Freud observa, “a superfície sobre a qual essa nota é preservada, a caderneta ou folha de papel, é como se fosse uma parte materializada de meu aparelho mnêmico que, sob outros aspectos, levo invisível dentro de mim” (Freud, 1925[1924]/2006, p.255).

Segundo Freud, existem dois meios de suplementação da função mnêmica. Por um lado, é possível preservar de maneira intacta uma anotação ao longo de uma duração indefinida de tempo, tal como ocorre nos traços permanentes de memória; nesse caso, a desvantagem consiste no limite da capacidade receptiva da superfície sobre a qual se anota, que perde seu valor quando não mais se deseja reter aquela informação. Por outro lado, podemos escrever sobre uma superfície na qual a escrita pode ser apagada, e neste caso a desvantagem é justamente a impossibilidade de permanência.

Um exame atento do bloco mágico permite descobrir que ele funciona como uma possibilidade terceira, pois, como afirma Freud, “sua construção apresenta uma concordância notável com a minha estrutura hipotética de nosso aparelho perceptual [...] pode fornecer tanto uma superfície receptiva sempre pronta, como traços permanentes das notas feitas sobre ela” (Freud, 1925[1924]/2006, p.256). Assim, a pequena prancha realiza uma curiosa combinação entre os dois procedimentos, na medida em que “fornece não apenas uma superfície receptiva, utilizável repetidas vezes como uma lousa, mas também traços permanentes do que foi escrito como um bloco comum de papel: ele soluciona o problema de combinar as duas funções *dividindo-as entre duas partes ou sistemas componentes separados mas inter-relacionados*” (Freud, 1925[1924]/2006, p.258, grifo no original).

Em seu seminário *O desejo e sua interpretação*, Lacan faz uma referência semelhante, tomando como exemplo o palimpsesto, espécie de papiro ou pergaminho cujo texto primitivo foi raspado, para dar lugar a outro, que sempre deixa marcas<sup>2</sup>.



Bloco mágico (*Wunderblock*)

<sup>1</sup> Freud, Sigmund. Uma nota sobre o “bloco mágico” [1925(1924)]. In: \_\_\_\_\_. *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, v. XIX*. Rio de Janeiro: Imago, 2006, pp.251-259).

<sup>2</sup> Lacan, Jacques. *O seminário, livro 6: o desejo e sua interpretação* [1958-1959]. Rio de Janeiro: Zahar, 2016.

Lacan assinala que Freud, desde *A interpretação dos sonhos*, insiste na sucessão de marcas [*niederschreiben*] que se superpõem umas às outras no inconsciente. Para serem concebidas, elas exigem “uma espécie de espaço tipográfico. Há ali uma verdadeira topologia do significante. Não se escapa dessa conclusão quando se segue exatamente a articulação de Freud” (Lacan, 1958-1959/2016, p.79).

Nas linhas abertas pela analogia construída por Freud e retomada por Lacan, Marco Antonio Coutinho Jorge, diretor da Seção Rio de Janeiro, idealizou o Bloco Mágico: Boletim Nacional do Corpo Freudiano Escola de Psicanálise, cujo primeiro número lançamos com grande satisfação neste mês de agosto de 2017.

O projeto faz coro com a insistência da Escola em apostar na transmissão da psicanálise através de um constante mergulhar na obra de Freud em diálogo com a leitura de Lacan. Mais concretamente, a proposta é valorizar e dar maior visibilidade às atividades que são desenvolvidas na Escola, favorecendo também a construção de novas possibilidades de trabalho em conjunto.

Considerando a dimensão continental do Brasil, a abertura de novos Núcleos e o crescimento exponencial do Corpo Freudiano, desejamos contribuir para a nossa comunicação institucional interna através deste instrumento, que contém informações sobre as atividades que acontecem nas diversas Seções e Núcleos. Esta é uma maneira de entrar em contato com o que nossos colegas de várias partes do país estão estudando e, quem sabe, abrir caminhos para formar novos laços de transferência de trabalho.

Muitas ideias têm surgido, tais como a seleção e divulgação de relatos breves dos membros sobre as discussões mais interessantes que acontecem nos seminários e grupos de estudo, a publicação de pequenos textos sobre temas da psicanálise, comentários de livros e filmes, dentre tantas outras que desejamos colocar em prática. Queremos também ouvir e acolher novas e criativas propostas dos membros. Convidamos a todos para colaborar conosco nesse projeto, escrevendo-nos para contribuir com material que possa ser incorporado nas próximas edições.

Agradecemos também àqueles que enviaram as primeiras informações e textos que constam deste primeiro número do boletim. Sem a colaboração de cada um de vocês, esse periódico nacional não poderia vir à tona, mostrando em verde e amarelo seus traços, como num mosaico que compõe o rosto multifacetado da nossa Escola.

Desejamos a todos um excelente semestre de estudo e trabalho!

Rio de Janeiro, 1º de agosto de 2017  
Bruno Albuquerque  
Editor



## 2) Convocatória do VII Encontro Nacional



Site do evento: <http://setimoencontro.corpofreudiano.com.br/>

Não é sem motivo que Lacan concebe o fim de análise como ligado à questão da fantasia, mencionando a sua travessia. A fantasia é uma espécie de matriz psíquica que funciona mediatizando o encontro do sujeito com o real – o impossível de haver relação sexual. Como formula Lacan: “Na medida em que o objeto a faz em alguma parte o papel do que vem em lugar do parceiro que falta é que se constitui o que costumamos ver surgir também no lugar do real, isto é, a fantasia.” Ela é uma matriz simbólico-imaginária que permite ao sujeito fazer face ao real do gozo. Como em Freud, para Lacan a fantasia constitui igualmente o próprio princípio de realidade para o sujeito: “Essa fantasia, em que o sujeito é preso, é, como tal, o suporte do que se chama expressamente, na teoria freudiana, o princípio de realidade.”

A fantasia fundamental, concebida por Lacan como “o que instaura o lugar onde o sujeito pode se fixar como desejo”, pode ser considerada uma espécie de prisão domiciliar do sujeito: nela ele se encontra confortavelmente instalado, rodeado pelos objetos investidos por sua libido e pelos objetos que lhe são familiares, desfrutando de uma tranquilidade que beira a inércia – mas está preso! Em seu interior, ele segue uma vida regida pelo princípio de prazer, mas, sem se dar conta disso, encontra-se radicalmente limitado por tudo aquilo que é prazeroso. O sujeito só perceberá que se trata efetivamente de uma prisão ao fim da análise. Também é bastante comum ouvir-se no cotidiano alguém dizer: “Tudo o que eu quero é paz!” Analiticamente, é possível ouvir nesse pedido de paz o eco de outro pedido: “Não me tirem de meu conforto fantasístico.”

A metáfora da prisão domiciliar é fecunda para tratar da fantasia: a prisão limita os movimentos do sujeito, dá um enquadramento restrito a eles, torna suas explorações no mundo pequenas e confinadas a determinadas regiões já conhecidas. Trata-se de uma redução brutal de sentido, constituído pela articulação simbólico-imaginária, para fazer face à falta de sentido do real. Como formula Lacan nessa mesma direção, “o próprio sujeito se reconhece ali como detido, ou, para lembrar-lhes uma noção mais familiar, fixado.”

A fantasia é sempre fantasia de relação sexual possível, e atravessar a fantasia é deparar-se com o impossível em jogo na relação sexual. Poderíamos, então, pensar que o fim da análise, como travessia da fantasia, é uma travessia da fantasia amorosa, para o neurótico, e uma travessia da fantasia de gozo, para o perverso. O fim da análise implicaria dar acesso ao neurótico ao polo do gozo do qual ele tanto se defende, e, no caso do perverso, implicaria o acesso à dimensão do amor, da qual ele também se defende. Mas o que mais importa nessa travessia não é apenas o fato de o

sujeito ter acesso ao outro polo da fantasia, e sim que, ao fazê-lo, tenha acesso à dimensão que está escrita, no matema da fantasia, entre o \$ e o a, que é a dimensão do desejo, inscrita no signo da punção:  $\diamond$ . O desejo, aqui, está escrito como falta; e essa falta é a presentificação daquela perda de gozo que esteve na origem da entrada do sujeito no mundo humano, no mundo do simbólico.

Marco Antonio Coutinho Jorge

---

### Propostas de apresentação de trabalho

Data máxima de envio: 15 de setembro de 2017 (sexta-feira)

Os resumos de trabalhos dos Associados do Corpo Freudiano serão selecionados pelas Seções e Núcleos dos quais eles fazem parte. Logo, devem ser encaminhados para os membros da Comissão Científica de sua Seção ou Núcleo.

Os resumos dos trabalhos de não Associados do Corpo Freudiano serão selecionados pela Seção São Luís. Enviar o resumo para o e-mail: [saoluis@corpofreudiano.com.br](mailto:saoluis@corpofreudiano.com.br).

### Eixos temáticos:

- Angústia, Fantasia e Desejo
- O Desejo do Psicanalista
- Amor, Desejo e Gozo
- Fantasia e Cultura
- Fim da Análise e Travessia da Fantasia
- Do Sintoma ao Sinthoma
- Fantasia e Clínica com Crianças
- Fantasia e Adolescência
- O Real e a Fantasia na Arte

### Normas para o envio

- Documento em Word, fonte Times New Roman 12, espaçamento 1,5, formatação justificada, folha A4, margens 2,5, máximo de 2000 (dois mil) caracteres, incluindo espaço.
  - Cada participante pode inscrever apenas um trabalho.
  - Máximo de coautores por trabalho: 2,
  - Indicar em destaque o eixo temático escolhido.
  - Indicar a Seção ou Núcleo do Corpo Freudiano de que participa.
  - Incluir o e-mail do(s) autor(es).
-

Os trabalhos serão selecionados para uma posterior publicação.

- Máximo de 5 laudas, com a seguinte diagramação: folha A4, fonte Times New Roman 12, formatação justificada, margens 2,5, espaço 1,5.
- Título do eixo temático centralizado, caixa alta, em negrito.
- Título do trabalho centralizado, caixa alta, em negrito
- Na linha abaixo do título do trabalho, com letra minúscula, alinhado à direita, nome do(s) autor(es), seguido da instituição e e-mail.
- Citações até três linhas devem ser inseridas no texto, entre aspas.
- Citações que ultrapassam três linhas devem ser destacadas com recuo de 4 cm à esquerda, tamanho da letra 10 e espaço simples.
- As citações devem ser seguidas pelas referências bibliográficas, as quais devem ser colocadas ao final de cada citação entre parênteses, segundo as normas da ABNT. Ex: (LACAN, 1973, p. 25).
- A bibliografia utilizada pelo trabalho deve ser colocada ao final do texto, em ordem alfabética, centralizada, em caixa alta e negrito com o título de REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.
- As notas de rodapé devem ser usadas somente para fins explicativos e devem ser colocadas no final do trabalho.

---

### 3) Cartéis em funcionamento

#### Cartéis internacionais

Tema: A formação do psicanalista

Ana Petros (Seminário Psicoanalítico, Tucumán, Argentina): [anapetros@tucbbs.com.ar](mailto:anapetros@tucbbs.com.ar)

Denise Maurano (Corpo Freudiano, Rio):  
[dmaurano@corpofreudiano.com.br](mailto:dmaurano@corpofreudiano.com.br)

Marco Antonio Coutinho Jorge (Corpo Freudiano, Rio):  
[macjorge@corpofreudiano.com.br](mailto:macjorge@corpofreudiano.com.br)

Paola Mieli (Après-Coup, New York, Estados Unidos):  
[parolapm@yahoo.com](mailto:parolapm@yahoo.com)

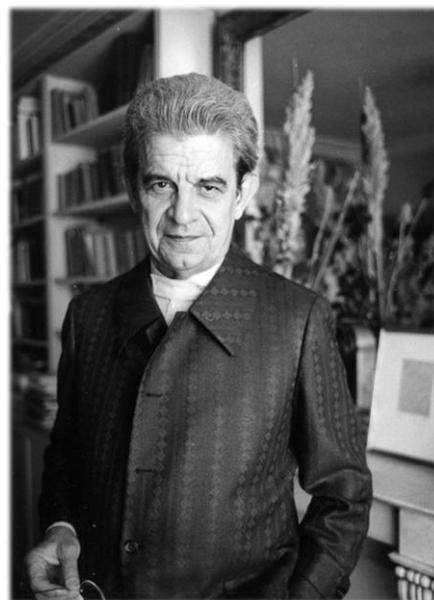
Tema: Tradução, letra, interpretação

Annie Muir (Après-Coup, New York)

Salvatore Guido (Après-Coup, New York)

Ona Nierenberg (Après-Coup, New York)

Marco Antonio Coutinho Jorge (+1) (Corpo Freudiano)



### Cartéis interestaduais

Tema: O seminário, livro 23: o sinthoma

Início: fevereiro de 2017, mensal

Lucia Perez (Corpo Freudiano, Rio) – luciafreitasperez@gmail.com

Sonia Leite (Corpo Freudiano, Rio) – soniacleite@uol.com.br

Francisco Frazão (Corpo Freudiano, São Luís) – francisco.frazao@uol.com.br

William Amorim (Corpo Freudiano, São Luís) – william-amorim@uol.com.br

Domingos Infante (+1) (Psicanalista Campinas) – infante@uol.com.br

Tema: Literatura e psicanálise

Início: fevereiro de 2017, mensal

Francisco Frazão (Corpo Freudiano, São Luís) – francisco.frazao@uol.com.br

William Amorim (Corpo Freudiano, São Luís) – william-amorim@uol.com.br

Dercirier Freire (Corpo Freudiano, Rio) – dercirier@hotmail.com

Evair Marques (Corpo Freudiano, Rio) – evamarquespsi@gmail.com

Marcia Werneck (Corpo Freudiano, Rio) – marciawerneck@ymail.com

Nadiá Paulo Ferreira (+1) (Corpo Freudiano, Rio) – nadia@corpofreudiano.com.br

### Cartel interinstitucional

Tema: Os gozos

Início: março de 2015 (mensal), Medical Center Tijuca

Ana Rosa Mauro de Melo (Campo Lacaniano, Rio) – armauro@terra.com.br

Clarice Gatto (Campo Lacaniano, Rio) – claricegatto@openlink.com.br

Bianca Novaes (Letra Freudiana, Rio) – biancanovaes@id.uff.br

Sonia Leite (Corpo Freudiano, Rio) – soniacleite@uol.com.br

Marli Cardozo (Psicanalista, RJ) – marlicardozo@oi.com.br

### Seção Rio de Janeiro

Tema: As estruturas clínicas

Início: outubro de 2014

Eliane Ferreira da Costa Cesar (Corpo Freudiano, Rio) – elianefcc@gmail.com

Jaqueline Ferreira (Corpo Freudiano, Rio) – jaquelineferreirauerj@yahoo.com.br

Paula Rego Monteiro (Corpo Freudiano, Rio) – paularegomonteiro@gmail.com

Marco Antonio Coutinho Jorge (+1) (Corpo Freudiano, Rio) –

macjorge@corpofreudiano.com.br

Tema: A relação de objeto

Início: março de 2015, sede da Escola

Andre Felix (Corpo Freudiano, Rio) – andrefelixsousa@gmail.com

Heloneida Neri (Corpo Freudiano, Rio) – heloneidaneri@corpofreudiano.com.br

Hilana Erlich (Corpo Freudiano, Rio) – hilana.erlich@gmail.com

Paula Rego Monteiro (Corpo Freudiano, Rio) – paularegomonteiro@gmail.com

Macla Nunes (Corpo Freudiano, Rio) – maclanunes@gmail.com

Tema: O seminário, livro 23: o sintoma

Início: setembro de 2015, sede da Escola

Vivian Ligeiro (Corpo Freudiano, Rio) – vivianligeiro@yahoo.com.br

Maria da Penha Negreiros (Corpo Freudiano, Rio) – penhanegreiros11@gmail.com

Marcia Werneck (Corpo Freudiano, Rio) – marciawerneck@ymail.com

Paula Maribondo (Corpo Freudiano, Rio) – paula.maribondo@uol.com.br

Tema: O Outro/outro

Início: março de 2016, sede da Escola

Ana Luiza Taves (Corpo Freudiano, Rio) – ana.taves@yahoo.com.br

Bruno Albuquerque (Corpo Freudiano, Rio) –

brunopintodealbuquerque@yahoo.com.br

Eliane Dalmácio (Corpo Freudiano, Rio) – elicarvalhodad@gmail.com

Ligia Julianelli (Corpo Freudiano, Rio) – ligiajulianelli@gmail.com

Tema: As identificações

Início: maio de 2016, sede da Escola, quinzenal

Eliana Barros (Corpo Freudiano, Rio) – elianaluiza@globo.com

Heloneida Neri (Corpo Freudiano, Rio) – heloneidaneri@corpofreudiano.com.br

Jorge Luis Vicente de Barros (Corpo Freudiano, Rio) – jb2010@ig.com.br

Lucia Perez (Corpo Freudiano, Rio) – lmfperetz@uol.com.br

Sonia Leite (+1) (Corpo Freudiano, Rio) – soniacleite@uol.com.br

Tema: Perversões

Início: março de 2017, sede da Escola, quinzenal

Cassia Amara Azevedo (Corpo Freudiano, Rio) – cassiaamara@gmail.com

Dercirier Freire (Corpo Freudiano, Rio) – dercirier@hotmail.com

Juliana Leal (Corpo Freudiano, Rio) – jumleal@yahoo.com.br

Macla Nunes (Corpo Freudiano, Rio) – maclanunes@gmail.com

Núcleo Cuiabá

Tema: A formação do analista

Fátima Balieiro

Gisele Magalhães

Maria Consolação Domingues

Maria Fernanda Bumlai

Marco Antonio Coutinho Jorge (+1)

Tema: A ética da psicanálise

Andressa Fonsceca

Danielle Nascimento Vieira

Margareth Ragnini

Nicolau Ávila

Denise Maurano (+1)

Tema: Feminino, amor e sexo

Mariana Moraes  
Mayara Galvão  
Sheila Carvalho  
Yasmin Chacur  
Marcia Smolka (+1)

Tema: A fantasia na psicanálise

Annie Emanuelle Brassair  
Bruna Almeida  
Djeison Benetti  
Larissa Queiroz  
Márcia Smolka (+1)

Tema: Narcisismo e sublimação

Kely Ebert  
Magda Miranda  
Margareth Spadoni  
Pamella Porto  
Maria Fernanda Bumlai (+1)

Tema: Tecnologia, subjetividades e mal-estar na cultura

Djeison Benti  
Fabio Jabra  
Rafael Gomes  
Sirlene Guimarães  
Henrique Lee (+1)

Tema: O brincar na psicanálise

Annadela Seror  
Leriane Barrachini  
Lucia Soares

Seção Goiânia

Tema: O seminário, livro 19: ...ou pior

Roberta Borges  
Elizabeth Cristina Landi  
Igor Siqueira Lima  
Ana Tereza Dias Vasques

Tema: O seminário, livro 6: o desejo e sua interpretação

Altair José dos Santos  
Fernando Pereira Lima  
Laiury Maiara Silva  
Igor Siqueira Lima  
Bárbara Taveira Fleury  
Roberto Mello

### Sugestões bibliográficas de Sonia Leite para o estudo do dispositivo cartel

Forbes, Jorge (Org.) *A Escola de Lacan: a formação do psicanalista e a transmissão da psicanálise*. Campinas: Papyrus, 1992.

Freud, Sigmund. (1921) *Psicologia de massa e análise do eu* [1921]. In: \_\_\_\_\_. *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*, vol. XVIII. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

Guatimosim, Bárbara. *Em torno do cartel: a experiência na Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano*. Publicação da Associação Fóruns do Campo Lacaniano, 2004.

Jimenez, Stella. (Org.) *O cartel: conceito e funcionamento na escola de Lacan*. Rio de Janeiro: Campus, 1995.

Lacan, Jacques. Ato de fundação [1964]. In: \_\_\_\_\_. *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

\_\_\_\_\_. Proposição 9 de outubro de 1967. In: \_\_\_\_\_. *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

\_\_\_\_\_. Jornada de estudo dos cartéis da Escola Freudiana [1975]. In: *Documentos para uma Escola*. Letra Freudiana, ano 1, n. 0, s/d.

\_\_\_\_\_. Carta de Dissolução [1980]. In: *Documentos para uma Escola*. Letra Freudiana, ano 1, n. 0, s/d.

\_\_\_\_\_. D'Ecolage [1980]. In: *Documentos para uma Escola*. Letra Freudiana, ano 1, n. 0, s/d.

Leite, Sonia. O cartel e o desejo de saber na Escola. In: Jorge, Marco Antonio Coutinho. (Org.) *Lacan e a formação do psicanalista*. Rio de Janeiro: Contracapa, 2006.



#### 4) Publicações recentes



Artigo: “A epidemia transexual: histeria na era da ciência e da globalização?”

Por: Marco Antonio Coutinho Jorge e Natália Pereira Travassos

Rev. Latinoam. Psicopat. Fund., São Paulo, 20(2), 307-330, jun. 2017

Link: <http://www.scielo.br/pdf/rlpf/v20n2/1415-4714-rlpf-20-2-0307.pdf>

Resumo: Este artigo explora questões relativas à transexualidade partindo da noção psicanalítica da histeria como estrutura básica do sujeito. As impressionantes epidemias de histeria ocorridas ao longo da história revelam como a histeria produz questionamentos radicais sobre o enigma da diferença sexual dirigidos ao saber dominante de cada época. Para responder à questão sobre qual é o lugar da histeria na contemporaneidade, lançamos a seguinte hipótese: a mais significativa forma assumida pela histeria hoje é a epidemia de transexualidade, produzida no encontro com o discurso da ciência, dominante na cultura globalizada.

Palavras-chave: Psicanálise, histeria, transexualidade, epidemia

---

Resenha do livro *Fundamentos da psicanálise, de Freud a Lacan – volume 3: a prática clínica*, de Marco Antonio Coutinho Jorge. Rio de Janeiro: Zahar, 2017. 298 páginas.

Por Betty Bernardo Fuks. Psicanalista.

Palavras-chave: Psicanálise, clínica, ética, política

Sincera e apaixonada, a correspondência de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess constitui um testemunho fidedigno da pré-história da psicanálise. Entre as inúmeras cartas em que o pai da psicanálise apresenta ao amigo os trabalhos e as pesquisas que estavam em andamento na época, algumas contêm reflexões extremamente importantes sobre a ideia e o termo “inconsciente”. Em uma delas, de maneira absolutamente fora de qualquer padrão cientificista, ele se vale de um chiste,

a mais social de nossas atividades psíquicas e a forma pela qual o inconsciente estabelece laço social, para explicar do que se tratava o que hoje conhecemos sobre o conceito.

“Meu trabalho foi inteiramente ditado pelo inconsciente, segundo o famoso princípio de Itzig, o cavaleiro dominical: – Para onde estás indo, Itzig? – E eu sei? Não tenho a menor ideia. Pergunte ao meu cavalo!”.

Ditado pelo inconsciente. Ou seja, Freud apresenta ao dileto amigo o inconsciente como um saber que não se sabe e que não pode ser sabido por nenhuma consciência. O chiste do cavaleiro e seu cavalo errante, além de apresentar o inconsciente e metaforizar adequadamente do que se trata a interpretação psicanalítica, introduz *avant la lettre* os aspectos ético e político sob os quais Freud fundamentará a *talking cure* que logo se transformaria num método clínico como não há outro igual. O imperativo de perguntar ao “cavalo” implica, assim, o analista no exercício de escutar o sujeito do inconsciente. Um imperativo que terminou produzindo um nó indelével entre clínica, ética e política no campo da psicanálise.

Sendo assim, se for possível iluminar à luz da referida carta de Freud a Fliess o último volume que conclui a trilogia *Fundamentos da psicanálise, de Freud a Lacan*, diria que o autor Marco Antonio Coutinho Jorge, imbuído do princípio de Itzig – pergunte ao cavalo – oferece ao leitor um livro – *A prática analítica* – que recupera da experiência germinal da psicanálise o que ela tem de mais fundamental. É que a obediência do cavaleiro ao saber indizível do “cavalo errante” – o inconsciente – se mostra na insistência de Coutinho Jorge em abordar o que nomeia de “ciclo da técnica” para mostrar que a Psicanálise, com seu aparato teórico e método clínico, “não pode ser incluída no rol das psicoterapias que operam todas, em maior ou menor grau, através da sugestão”, assim como se diferencia da clínica médica, que ocupa um lugar supostamente capaz de responder à totalidade do sofrimento humano.

Todas as diferenças entre psicanálise e outras práticas clínicas vão se impondo ao longo dos três capítulos de *A prática analítica*, na abordagem inusitada de nosso autor sobre pontos cruciais que norteiam o psicanalista, desde sua fundação à nossa contemporaneidade: o poder da palavra, a ética do desejo e a reinvenção da prática. Evidentemente tal escolha não é sem consequências: Coutinho Jorge, com a intensidade daqueles que possuem a coragem de se afastar de um dito para introduzir um novo dizer, retorna às origens da clínica psicanalítica promovendo um diálogo detalhado e complexo entre a obra de Freud e o ensino de Lacan, de modo subjetivo e criativo, ao igual ao que foi feito nos dois livros anteriores que compõem a trilogia – *As bases conceituais da psicanálise* e *A clínica da fantasia*.

No volume sobre o qual incide a presente resenha, isto pode ser facilmente comprovado no modo como os conceitos são abordados e na forma como o autor argumenta a proposta ética da clínica psicanalítica. Dando ênfase à dimensão pulsional do imperativo ético da psicanálise – Ali onde o isso era (Eu) devo vir a me tornar –, Coutinho Jorge assume, até as últimas consequências, a proposta subversiva de Lacan de que uma análise possa promover que o campo pulsional possa ser habitado pelo Eu, contrariando assim toda uma corrente de psicanalistas que visam modelar seus analisandos às “subjetividades conscientes”. E aqui ao leitor é oferecida uma outra versão da estorinha do “cavaleiro e seu cavalo” que se encontra justamente na conferência em que Freud pronuncia a máxima ética da psicanálise. Do chiste sobre o cavalo e o cavaleiro errante, Freud extrai novas noções à clínica psicanalítica – força e ação – e Coutinho Jorge, visitando o campo da poesia, encontra um poema de João Cabral de Melo Neto, “Estudos para uma bailadora

andaluza”, que expressa, justamente, o modo como tais noções se fazem presentes na condução de uma análise diante da porção sempre indomável da pulsão.

Coutinho Jorge, submetido ao saber do poeta, dos artistas e escritores, como seus mestres Freud e Lacan sempre estiveram, convida o leitor a refletir sobre alguns tesouros da cultura que, de um modo ou outro, testemunham aquilo que a psicanálise, com seus meios específicos, tem a dizer sobre a alma humana e os laços sociais. No meu entender, a interface psicanálise e arte reverbera harmonicamente no segmento do livro em que a história da música popular é abordada através dos *Beatles* e dos *Rollings Stones*. Com muito cuidado e o devido respeito aos dois campos, Coutinho Jorge revitaliza através do repertório dos dois grupos que encantaram a geração dos anos sessenta e até hoje faz bater o coração do homem pós-moderno, a ideia freudiana de que “sem o amor nós ficaríamos a mercê da violência destrutiva de nossas pulsões”.

No segundo capítulo, “A ética do desejo”, o leitor percorrerá pari e passo os aportes de Lacan à clínica psicanalítica – a questão sobre a entrada em análise, o sujeito suposto saber, a função diagnóstica e a retificação subjetiva, o desejo do analista e uma belíssima reflexão sobre a contribuição do mestre de Paris ao estudo da angústia, o afeto inconsciente que ao igual comoveu Freud a incluí-lo em seus estudos metapsicológicos. É digno de nota que a escrita de Coutinho Jorge esclarece o estilo cifrado de Lacan, o que facilita o leitor a apreensão de todos esses temas citados.

Sob o título “Reinventar a psicanálise”, o terceiro capítulo mostra o engajamento do autor na tarefa diretamente ligada à transmissão do legado freudiano. Fiel ao dito de Goethe citado em *Totem e tabu*, o mito freudiano sobre a origem da linguagem e da cultura – “Aquilo que herdastes de teus pais, conquista-o para fazê-lo seu” – Coutinho dá provas de que nenhum analista pode ser pai de si mesmo. Entretanto, mostra com sua escrita que ética e politicamente todos devem arriscar a dizer algo próprio, maneira de garantir a transmissão da psicanálise através das gerações de analistas e proteger e fortificar a presença do legado freudiano na cultura.

Isso nos obriga a refletir sobre o aspecto político da clínica psicanalítica que Coutinho Jorge faz sobressair em seu último livro. Desde Freud sabemos que por mais que uma psicanálise diga respeito à história individual do sujeito, por estar ligada à linguagem ela faz parte da grande História. Justamente, é esse o sentido que Lacan imprime ao seu ensino quando afirma que o analista que desconhece a subjetividade de sua época deveria abrir mão de sua prática. A prática clínica se impõe como um livro totalmente dentro dessas perspectivas, ao ressaltar a importância do analista ocupar o lugar de crítico da cultura de seu tempo, a partir do que escuta na clínica do um a um.

## 5) Textos clássicos da história da psicanálise

Tradução do artigo *Sobre um tipo de pseudoafetividade (“como se”)*, de Helene Deutsch, produzido a partir de uma conferência proferida na Sociedade Psicanalítica de Viena em 24 de janeiro de 1934 e traduzido do alemão por Constança Pondé e Frederico Jorge Ritter.

### Introdução e contextualização

Em 24 de janeiro de 1934 a psicanalista Helene Deutsch proferiu na Sociedade Psicanalítica de Viena uma conferência intitulada “Sobre um tipo de pseudoafetividade (‘como se’)”, na qual apresentava, pela primeira vez, um certo tipo de personalidade psíquica com a qual se deparara em sua clínica. Coordenadora do Instituto Psicanalítico de Viena e analisanda de Freud, Deutsch já tinha um longo percurso trilhado no meio psicanalítico por ocasião desta conferência e era imensamente respeitada por Freud e seus pares. O conceito de “personalidade como se” foi, sem dúvida alguma, sua contribuição mais importante e mais original à Psicanálise, e o interesse pelo tema se estendeu ao longo de várias décadas: o primeiro texto sobre o tema é este aqui, escrito ainda em Viena em 1934, em alemão; o mais conhecido é o texto escrito já nos Estados Unidos em 1945, em inglês; em 1965 mais outro texto, retomando e expandindo a discussão sobre a “personalidade como se”, evidência da importância que a autora conferia ao tema.

O interesse pelo texto de 1934 não é meramente histórico. Ainda que sirva como base para boa parte do texto de 1945, os dois textos respondem de modos distintos a algumas questões - o tipo de estrutura clínica subjacente à personalidade como se, ou a função da personalidade como se, ou ainda os efeitos do processo analítico sobre os sujeitos como se. A atualidade destas discussões para a clínica é indiscutível.

Constança Pondé (Corpo Freudiano, Rio)

*Sobre um tipo de pseudoafetividade (“como se”)*, de Helene Deutsch,

Primeiramente eu gostaria de enfatizar que a denominação de um certo tipo de personalidade psíquica de “como se” não tem qualquer relação com a Filosofia do Ficcional de Vaihingers e do que ele chamou de “como se”. Quando eu dou a esse tipo que observei esta denominação, que portanto não é original, eu o faço porque cada contato com essas pessoas, cada tentativa de entender o seu modo de viver e de sentir, impõe ao observador o sentimento irresistível de um “como se”. Ao observador leigo, que entrou em contato superficial com o tipo humano que será descrito, se impõe, depois de um certo tempo, uma pergunta estereotipada que eu também escutei frequentemente de pessoas que de alguma forma se relacionaram com meus pacientes “como se”, a saber: o quê há de errado com eles?

A pergunta “o quê há de errado com eles?” quer dizer: em uma pessoa desse tipo não se nota absolutamente nada de doentio, ela se comporta de modo completamente normal, suas manifestações intelectuais e afetivas são absolutamente organizadas e adequadas mas, ainda assim, se introduz entre ela e as outras pessoas algo que não é apreensível e definível. Um de meus analisandos, um homem especialmente inteligente e experiente, encontrou-se socialmente com uma de minhas pacientes “como se” e me contou, em sua sessão de análise, como ela era

encantadoramente divertida, amável e interessante, mas terminou sua descrição com a observação: “mas há algo de errado com ela” - e não soube me dar maiores esclarecimentos.

Quando eu mostrei as pinturas desta mesma analisanda, que era uma pintora com boa formação, para a apreciação de um especialista, ele me disse que nos quadros havia muito conhecimento e talento, mas também algo perturbador que ele remetia a uma inibição interna, que certamente poderia ser resolvida. A paciente, ao final de sua análise pouco exitosa, se dirigiu à escola daquele especialista para dar continuidade à sua formação em pintura e, pouco tempo depois, recebi um relatório no qual o seu professor falava, absolutamente entusiasmado, sobre o seu talento. Depois de alguns meses, recebi deste pintor meu conhecido um relato menos entusiástico: sem dúvida alguma ela era talentosa, ele tinha se impressionado com a rapidez com que ela tinha se apropriado de sua técnica e de sua sensibilidade pictórica própria, mas ele precisava me dizer abertamente que havia algo de inapreensível aí, com o qual ele ainda nunca havia se deparado, e terminou seu relato perguntando-me o que havia de errado com ela. Aliás, ele acrescentou, ela agora estava estudando com um pintor de uma orientação completamente diferente e era surpreendente a rapidez e a facilidade com que se adaptara ao seu novo professor.

Mas antes de fazer uma descrição da pessoa “como se”, gostaria de acrescentar que a minha observação analítica se refere exclusivamente a mulheres, e que não posso responder a pergunta se isto pode ser atribuído a um simples acaso. Mais uma vez, eu repito que a impressão que estas pessoas passam é absolutamente normal. Elas são cognitivamente intactas, talentosas, têm grande compreensão para o intelectual. Lá onde elas próprias desejam ser produtivas – estas tentativas sempre existem -, elas desempenham formalmente um bom trabalho, mas ao seu produto falta toda e qualquer originalidade; é sempre uma repetição forçada, mesmo que hábil, de um modelo, sem o menor traço pessoal. Em uma observação mais próxima, as relações afetivas com o ambiente se apresentam exatamente assim. Estas relações são em sua maioria intensas, possuem, por exemplo, todas as características de amizade, amor, compaixão, etc. Mas, também aqui, mesmo o leigo logo percebe algo de estranho, que justifica a pergunta “o que há de errado?”. Para o observador analítico fica logo claro que a todos estes relacionamentos falta todo e qualquer traço de afeição, que a todas estas expressões de sentimento só permaneceu a forma – como, talvez, com um ator que é tecnicamente bem capacitado mas não autêntico –, e que a experiência interior foi totalmente desligada. Portanto, a primeira característica do meu tipo humano é que ele se comporta de modo formal na vida, como se possuísse uma vida afetiva plena. O importante neste comportamento é o fato de que os próprios pacientes não sentem qualquer carência em sua vida afetiva e que eles próprios consideram suas formas de expressão vazias idênticas àquelas que os outros vivenciam. Sem entrar nas diferenças mais profundas neste ponto, chamo a atenção de que este comportamento não é idêntico à frieza afetiva daqueles que sofreram recalque [*Verdrängten*; N. dos T.: referência aos neuróticos, provavelmente aos histéricos, nos quais o recalque opera], nos quais geralmente encontramos uma vida afetiva especialmente diferenciada por trás de um muro e nos quais a perda do afeto é exposta diretamente ao olhar ou é encoberta através de supercompensações. Sabemos que no primeiro tipo se trata de uma fuga da realidade, mais precisamente de uma proteção contra a realização de tendências pulsionais não permitidas; no último, ao contrário, de uma busca pela realidade externa a fim de evitar uma fantasia investida de angústia. Como a perspectiva analítica irá, então, lhes mostrar, trata-se, aqui, não mais de uma ação do recalque mas de uma verdadeira perda dos

investimentos objetais afetivos. A relação aparentemente normal com o mundo corresponde, no seu conteúdo, inteiramente à pulsão de imitação da criança [“Nachahmungstrieb”; Nota dos T.: no texto de 1942: “child’s imitateness”] e é a expressão da identificação com o ambiente, uma imitação psíquica cujo êxito é uma boa adaptação à realidade, apesar da falta de investimento objetal afetivo. Esta adaptação, a despeito da falta de vivência afetiva, é justamente aquilo que eu denominei de “como se”.

Outras consequências de uma tal relação com a vida são: uma postura absolutamente passiva frente ao ambiente, com uma marcante disposição plástica para acolher os sinais que chegam do mundo externo e modelar-se de acordo com eles. A identificação com outras pessoas, com o seu pensar e o seu sentir, é a expressão desta plasticidade passiva, cujo resultado pode ser tanto a capacidade de uma fidelidade incondicional quanto a de uma infidelidade; isto é, enquanto o objeto de identificação estiver presente, a ponte de identificação estará lá. O amor, a amizade e o apego de uma pessoa “como se” têm, no estágio inicial, algo de muito gratificante para o parceiro. Nas mulheres, as pessoas “como se” são o superlativo da entrega feminina, uma impressão que é despertada através da passividade e da disponibilidade de identificação. Depois de pouco tempo, no entanto, a falta de uma afeição autêntica produz uma tal aridez e um tal tédio na atmosfera sentimental que a ruptura dos relacionamentos por parte do homem se dá, na maioria das vezes, sob a forma de fuga. Apesar do grude que a pessoa “como se” carrega para cada relacionamento, surpreendentemente surgem, em resposta a um tal abandono, reações afetivas que, sendo “como se”, portanto não o são [afetivas], ou uma franca falta de afeto. O antigo objeto será trocado, na primeira oportunidade que se apresentar, por um novo, com a mesma capacidade de identificação.

O mesmo vazio e a mesma carência tanto de personalidade quanto de vida afetiva se exprimem também na formação do caráter. Os meus indivíduos “como se” são a expressão da falta de caráter. Também sua moral, seus ideais, suas convicções são sempre apenas a projeção de sombras de um modelo. Eles estão preparados para qualquer ato, bom ou mau, se este lhes for encenado; eles se associam com especial facilidade a grupos sociais, éticos ou religiosos a fim de, através do apoio em uma massa, dar à sua existência um conteúdo através da identificação. Eu mesma observei transformações nas quais se abriu mão de um grupo com determinada visão de mundo, depois de anos de participação, em favor de um outro, praticamente contrário, sem qualquer sinal de transformação interior. Isto não foi precedido de nenhum desapontamento, de nenhuma vivência, a transformação aconteceu simplesmente a partir da circunstância de um reagrupamento ou algo semelhante no seu círculo de conhecidos.

Também nesta nova orientação a pessoa “como se” está imediatamente pronta a produzir emoções até o êxtase, que são tão falsas quanto o maior sacrifício ativamente feito em favor de uma ou de outra convicção.

A capacidade de identificação de nossos pacientes com os seus objetos amorosos atuais pode ser posta em analogia com aquilo que Freud descreveu como sendo uma propriedade tipicamente feminina, especialmente nas mulheres histéricas. A grande diferença reside em que os objetos com os quais estas mulheres se identificam são simultaneamente portadores de relações objetais disponíveis e que a sua escolha é feita conforme as leis dos modelos infantis. Esta é uma diferença fundamental que ainda irá nos ocupar adiante.

Para a caracterização adicional dos meus pacientes, devemos ainda comentar a sugestibilidade, compreendida a partir do que já foi relatado até aqui. Também esta

não é idêntica à [sugestibilidade] histérica, na qual a relação de objeto é uma pré-condição, enquanto que nos indivíduos “como se” ela deve ser atribuída à passividade e à identificação automática mencionadas acima. Através da leitura de relatórios judiciais, fiquei com a impressão de que muitos atos criminosos são praticados por personalidade até aquele ponto absolutamente não criminosas, não sendo imputáveis, como usualmente se tenta explicar, a uma atração erótica, mas a uma prontidão passivamente influenciável de uma personalidade “como se”.

Para complementar a descrição ainda é necessário dizer que as tendências agressivas submergem quase que completamente por trás da passividade descrita, o que costuma conferir às pessoas “como se” o caráter de uma suave bondade, que no entanto também está preparada para qualquer mal. No que diz respeito à inteligência, esta é, como tudo, normal mas impessoal; existem até mesmo talentos artísticos, apesar da fantasia ser pobre, abandonada.

Eu procurarei agora lhes apresentar o resultado da observação analítica, mesmo que não sejam casos clínicos analíticos. Também preciso enfatizar que depois da análise do primeiro caso “como se” eu tinha a absoluta convicção de se tratar, aqui, de uma esquizofrenia latente, a qual conseguira, pelo caminho da identificação narcísica, apoderar-se do mundo dos objetos, mas cuja estrutura interna – e principalmente a postura afetiva – portava um caráter esquizofrênico, apesar destes processos de restituição praticamente bem sucedidos. Eu não sei se a reconstrução da história infantil e a dedução direta da grave perturbação psíquica a partir dos destinos da primeira infância me conferem o direito de corrigir este diagnóstico ou se, apesar disso, ele se mantém válido. Eu, pessoalmente, me inclino para esta última concepção.

Minhas observações analíticas abrangem quatro pacientes mulheres. Eu gostaria de descartar uma delas das discussões em função da brevidade do tratamento; uma outra, talvez a mais interessante, por motivos de discricção. Portanto, vou me concentrar em dois casos.

A primeira destas pacientes nasceu como filha única em uma das famílias mais antigas da nobreza europeia e estava envolta em uma atmosfera que não se encontra frequentemente. Os pais, totalmente ocupados com os deveres de representação oficial e seguindo a tradição, delegaram a educação da criança para pessoas estranhas. A criança era apresentada aos pais “para controle” em dias da semana especialmente reservados para isto. Os êxitos formais da educação eram verificados, desejos e ordens eram passados aos educadores e a criança, após uma despedida fria e formal, era mandada de volta para os seus aposentos. Não havia sinal de carinho ou afeição por parte dos pais. Mas também os castigos nunca eram aplicados diretamente por eles. Esta separação efetiva se instalou logo após o nascimento da criança. Parece que a afirmação da paciente de que tratavam-se de relacionamentos normais em seu círculo correspondia à verdade. Neste comportamento dos pais, que reservava à criança uma parcela muito pobre de afeição, a circunstância de mais graves consequências foi que a existência dos pais - visivelmente de acordo com as tendências educacionais – era muito enfatizada, e que a paciente era treinada para o amor, o respeito e a obediência em relação aos pais, sem que estes sentimentos em relação a eles fossem jamais sentidos sem mediação e de modo real. Nesta atmosfera de carência afetiva por parte dos pais, não poderíamos esperar um desenvolvimento favorável da vida afetiva da própria criança. Mas poderíamos imaginar que outros objetos seriam colocados no lugar dos pais. A situação seria então semelhante a de uma criança órfã ou a de uma criança que, devido a circunstâncias familiares ou sociais, tivesse sido levada para ser criada em um ambiente estranho. Nestas crianças

vemos, então, os vínculos afetivos que de outra forma seriam dirigidos aos pais serem dirigidos para as pessoas substitutas do novo ambiente. Costumamos então observar como a situação edípica se desenrola com os objetos substitutos e talvez vejamos, numa tal situação, dificuldades do desenvolvimento, mas nenhuma modificação significativa.

Neste aspecto nossa paciente sofria também de uma especial infelicidade das circunstâncias. Seus numerosos educadores eram seguidamente trocados; além disso ela tinha, como exigido pelo cerimonial, simultaneamente três babás que queriam se colocar em primeiro plano frente aos pais e constantemente buscavam a preferência da criança. Em toda a sua infância não existiu uma única cuidadora que tenha desempenhado um papel maior como objeto amoroso.

Como mencionado acima, a atmosfera por assim dizer sem pais era prenhe da sua presença. Tão logo a capacidade para representar a vida o permitiu, a fantasia da paciente começou a se ocupar de modo muito intenso com os pais. Nestas fantasias era atribuído a eles um poder divino que era empregado para proporcionar à paciente todas as coisas de outra forma inacessíveis às outras pessoas. Tudo o que a paciente extraía de contos-de-fadas e histórias era incorporado ao mito dos pais. Um anseio por amor nunca se exprimiu nestas fantasias, tudo portava o caráter de um ganho narcísico. Qualquer encontro com os pais reais permitia que ela esquecesse totalmente a identidade destas pessoas tão estranhas para ela através dos heróis de suas fantasias. Assim se formou na garotinha um mito dos pais, uma sombra fantástica de uma situação edípica, na medida em que se tratavam de pessoas, uma imagem vazia, na medida em que se tratavam de sentimentos.

Ao lado do mito e ao lado da pálida existência dos pais há uma série de pessoas substitutas às quais coube o papel de direcionarem para si as correntes libidinais e de tornarem-se significativas para a formação da personalidade futura. Se a fracassada realidade do relacionamento com os pais já produzira o efeito de uma regressão narcísica para a fantasia, este processo recebeu novo alimento através da relação com objetos substitutos, porque também esta relação tem um caráter objetal pouco libidinoso. Para isto contribui, principalmente, a frequente troca de educadores. Além disso, estas pessoas estão elas mesmas submetidas a uma rigorosa disciplina, agem por delegação e utilizam todos os meios para adaptar a criança à realidade, meios nos quais o carinho é empregado como um meio absolutamente consciente para fins educativos, sem a transmissão de uma autêntica afeição. A criança foi muito cedo treinada para rigorosos modos à mesa e higiene, e as violentas explosões de fúria e raiva da primeira infância são combatidas com sucesso e cedem a uma obediência absolutamente submissa. Muito desta educação é alcançada invocando os pais, de modo que a paciente imediatamente atribui tudo o que faz de modo obediente ao desejo ou à ordem dos pais míticos.

Quando a criança, então com oito anos, entra para um colégio de freiras para ser educada, o estado no qual nós a conhecemos, aquele da pessoa “como se”, já está completamente acabado. Através de uma exploração superficial não observaríamos nada que se diferenciasse da vida habitual de uma aluna de convento. Ela tem a paixão habitual por uma freira, com a mesma inautenticidade e com o apoio em um grupo de meninas, como inicialmente descrevi. Ela tem as amigas mais carinhosas, que permanecem absolutamente insignificantes, a religiosidade imposta, sem a mínima fé, seduções masturbatórias com sentimentos de culpa fingidos, simplesmente porque suas companheiras também as tinham.

O mito dos pais empalidece e desaparece, sem dar lugar a novas fantasias. Ele desaparece no momento em que a realidade lhe mostra mais claramente os pais como seus objetos e os desvaloriza.

No lugar das fantasias narcísicas entra a experiência real, na qual ela apenas pode participar através da identificação com os outros.

Os destinos das moções pulsionais infantis foram, como dito acima, desviados dos pais e dirigidos para pessoas substitutas. Nós já mencionamos que a educação foi muito bem sucedida no processo de repressão pulsional. A observação analítica pode mostrar que este sucesso foi aparente. Ele tinha em si algo de adestramento e estava totalmente vinculado à presença do adestrador. Enquanto os objetos do mundo externo exigirem uma renúncia pulsional, a paciente permanecerá obediente, mas se um objeto apropriado oferecer uma licença para a satisfação pulsional, então a nossa paciente pode a qualquer momento se portar de modo livre quanto à pulsão. O único sucesso do adestramento foi o de fazer com que as pulsões contrárias às leis do mundo externo não comparecessem. Quando permitido pelo mundo externo, elas se colocavam à disposição, mesmo que sem um significativo ganho de prazer. Neste sentido, a paciente se comportava exatamente como uma criança naquela fase do desenvolvimento em que ela controla suas pulsões por amor aos seus educadores e também por medo deles. Assim, por exemplo, aconteceu da paciente se envolver por um tempo com más companhias com as quais ela, em um inacreditável contraste com o seu ambiente familiar, podia se embebedar em espeluncas, praticava todas as perversões sexuais e sentia-se igualmente bem tanto no submundo quanto na seita piedosa, no grupo de artistas e no movimento político dos quais ela mais tarde participou. Com uma palavra: ela podia ser tudo e renunciar a tudo com o mesmo distanciamento de sua vida afetiva. Sobre a falta de afeto ela nunca tinha queixas, pois não tinha consciência disso.

Nós vimos como na infância da paciente duas correntes fluíam lado a lado. Uma, a relação real-irreal com os pais, a qual nós demos o nome de mito; e outra, a relação com as educadoras em constante troca. Nem uma nem outra tinham chances de capacitar a criança para uma experiência afetiva. A relação com os pais era suficientemente forte para fazer deles heróis da fantasia. Mas para formar uma constelação edípica viva, responsável pelo futuro da vida psíquica, seja no sentido positivo ou no negativo, visivelmente faltava a condição necessária. Para a construção de um complexo de Édipo relevante não é suficiente que os pais simplesmente estejam lá e alimentem as fantasias. Através da atividade libidinal dos pais a criança precisa, até um certo ponto, ser seduzida por eles para se tornar uma pessoa com a afetividade normal. A criança precisa ter sentido o calor do corpo materno assim como todas aquelas seduções inconscientes da mãe amorosa nos cuidados corporais. Ela precisa ter cavalgado nas costas do pai e ter sentido a sua masculinidade ao sentar em seus joelhos para que as moções pulsionais fluam para a corrente do complexo de Édipo.

O mito da nossa paciente não tinha semelhança com figuras da fantasia que tão frequentemente encontramos no consciente ou descobrimos no inconsciente, nos quais a situação edípica nos é revelada. Um exemplo típico talvez seja o assim chamado romance familiar, que seguidamente assume formas bastante fantasiosas. Nestas fantasias, no entanto, a relação libidinal com os pais já está recalçada, encoberta, e as fantasias são formações substitutas para desejos recalçados, os objetos reais foram abandonados, porém a análise consegue revelá-los em todo o seu investimento libidinal. Isso é diferente nas fantasias de nossa paciente. Em relação aos pais, não existiam nela relações objetais originárias, afetuosas. Estas desde o

início tinham definhado e o seu papel na fantasia correspondia a um fenômeno narcísico no qual os objetos somente serviam para substituir a ausência de amor por uma autoestima aumentada.

Algo semelhante acontecia com as relações libidinais com os educadores. A educação para a adaptação à realidade funcionou perfeitamente, neste sentido a criança era tudo menos negligenciada. O que se conseguiu no quarto de criança foi a imitação, a adaptação ao desejo dos educadores, mas nenhuma possibilidade de um autêntico vínculo carinhoso, libidinal.

Parece, assim, que as condições desfavoráveis da infância causaram uma vida afetiva negligenciada. Se a criança regrediu para o narcisismo após fracas tentativas de investimentos objetais através de um processo regressivo ou se, no sentido da inibição do desenvolvimento, nunca estabeleceu uma relação de objeto autêntica, isto é praticamente indiferente.

A mesma dificuldade que inibiu o desenvolvimento da vida afetiva também produziu efeitos sobre a formação do supereu. A vaga figura do complexo de Édipo foi gradualmente abandonada, sem que se tivesse chegado a uma formação consolidada e unificada do supereu. Ficamos com a impressão, aqui, de que a precondição para isto reside em um investimento objetual forte e real no quadro da situação edípica.

É inegável que já em épocas anteriores, nas crianças pequenas, demandas internas dispersas costumam estar presentes. Elas formam os estágios iniciais do supereu e estão fortemente vinculadas à existência dos objetos externos. A identificação com os pais na dissolução do complexo de Édipo realiza a unificação destes estágios iniciais. Onde esta falta, como em nossa paciente, as identificações permanecem desordenadas e instáveis. Os representantes formadores da consciência permanecem em grande parte no mundo externo e no lugar da moral interna se coloca a constante identificação com os objetos externos.

O mesmo também ocorre, no nosso caso, em relação aos antigos educadores. As influências inibidoras quanto à meta que eles exerciam sobre a vida pulsional, sobretudo sobre as agressões da criança, serão na vida posterior contínua e constantemente exercidas pelos novos ambientes, também elas pela via da identificação. Podemos dizer que no lugar da formação do supereu, os estágios iniciais desta [formação do supereu] no mundo externo ainda permanecem responsáveis pelo decidir e agir da paciente. Este comportamento provoca o quadro da falta de caráter, como o descrevi acima.

A passividade de minha paciente como expressão de submissão à vontade alheia parece ser o destino final de suas tendências agressivas. Como resultado da fraca formação do supereu desaparece a tensão entre o eu e o supereu e o palco de todos os conflitos permanece sendo o mundo, como no primeiro quarto de criança, no qual tudo pode se desenrolar sem atritos desde que a criança permaneça obediente aos seus objetos. A constante identificação e a subordinação passiva são expressão da completa adaptação ao ambiente do momento, porém conferem uma vaga inautenticidade à existência pessoal da paciente; e o valor da adaptação à realidade também é muito problemático, pois a identificação, afinal, sempre só se dá em relação a uma parcela do ambiente. Se esta parte do ambiente entra em conflito com as outras, então nossa paciente é naturalmente arrastada para dentro dele. Assim pode acontecer do indivíduo mais cordato ser conduzido, através de uma mudança nas relações de identificação, a ações antissociais, criminais. Talvez uma parte dos indivíduos antissociais seja recrutada também nestes indivíduos “como se”, só parcialmente bem adaptados à realidade.

No estudo analítico da minha paciente poderíamos ficar com a impressão de tratar-se de um autêntico infantilismo, isto é, de uma fixação em um determinado estágio inicial do desenvolvimento da vida afetiva e do caráter. Nós conseguimos atribuir esta inibição do desenvolvimento a influências especialmente desfavoráveis do ambiente.

Eu chamo a atenção de que nos sentimos impelidos a supor que neste caso fortes impulsos disposicionais estivessem em jogo. A paciente descendia de uma linhagem muito antiga, em extinção, na qual psicoses e *degenerados anêmicos* abundam. Mas sobre isso, veremos mais adiante.

A história clínica da minha segunda paciente deve resultar um tanto mais concisa devido à falta de tempo. A paciente é filha de um pai doente mental e uma mãe anormal. Do pai ela só consegue se recordar como de “um senhor com barba escura”, e a separação do pai, que pendulava entre o hospício e o quarto de isolamento para cuidados em casa, ela procurava transformar em algo especialmente grandioso. Também ela construiu um mito em torno do pai, que no entanto já possui um caráter por assim dizer mais normal. Aqui o pai é substituído na fantasia por um homem misterioso que ela mais tarde chama de “indiano” e com o qual ela tem uma variedade de experiências que também servem, todas, para fazer da própria paciente um ser sobrenatural. Como modelo para este indiano revelou-se, na análise, o enfermeiro do pai, que a garotinha sempre via desaparecer furtivamente em quartos misteriosos. Também aqui a educação da criança foi delegada a cuidadores, mas é inegável que a relação com a mãe anormal era fortemente libidinal. A posterior escolha de objetos de identificação da paciente tem de fato um significado libidinal marcante, tornando-se por vezes mais calorosa na direção homossexual, mas não o suficiente para modificar o estado “como se”. A ruptura do desenvolvimento normal em direção ao investimento objetual relaciona-se, nesta paciente, com o nascimento de um irmão, em relação ao qual desenvolveu uma inveja extraordinariamente agressiva. As comparações dos genitais provocam na garotinha uma compulsão a passar horas a fio na frente do espelho observando seu corpo e conduzindo esta ocupação narcísica gradualmente para uma determinada forma de sublimação. Primeiro ela tenta modelar partes do seu próprio corpo com argila, para assim facilitar o estudo no espelho. Com o passar dos anos ela desenvolve um grande talento nesta ocupação e muito precocemente torna-se aprendiz de uma escultora. Como não poderíamos deixar de esperar, ela procura sempre de novo descobrir seu próprio corpo no mundo externo; no decorrer dos anos, ela não consegue criar nada que não sejam figuras femininas grandes, muito exuberantes, maternais. Estas últimas obras são fracas tentativas de criar, a posteriori, no lugar do amor por si própria, uma nova mãe como substituta para aquela que tinha perdido na infância em favor do irmão. Ela abandona por completo a escultura simplesmente por não acreditar encontrar na sua professora suficiente reconhecimento, e torna-se pintora.

O *leitmotiv* mais interessante de sua infância é uma imitação simiesca do irmão, com o qual ela por anos a fio se identifica completamente, e de modo algum inconscientemente ou em fantasias, mas constantemente, em cada gesto. O desastroso nisso é que o irmão muito cedo, já na latência, revelava inegáveis traços de uma psicose que mais tarde se instalou com um *raptus* catatônico. A paciente imitava todas as bizarrices esquizofrênicas do irmão, ela vivia uma existência psíquica anormal à sombra dele. Posteriormente, ela de fato não abriu mão da identificação com os objetos do mundo externo, mas o deslocamento do processo de identificação com o irmão para objetos normais salvou-a do hospício. Devo confessar que todo este tempo eu estava inclinada a perceber o estado da paciente como resultado da

identificação com o irmão doente mental. Só mais tarde reconheci que a etiologia do seu estado deveria ser procurada mais profundamente.

Acredito que exista nesta paciente uma perfeita analogia ao estado de nossa primeira, apesar da diferença no seu desenvolvimento. Aqui, parece que uma decepção abalou a forte relação pre-edípica existente com a mãe, que a misteriosa ausência do pai gerou a incapacidade de fornecer um substituto para a relação abalada com a mãe, e que um processo regressivo teve o efeito de manter as relações subsequentes com os objetos do mundo no estágio das identificações. Através desta identificação ela também rejeitou seu ódio muito intenso pelo irmão e transformou as tendências agressivas contra ele em uma postura obedientemente passiva, de subordinação e identificação em relação a ele. Ela então nunca mais conseguiu alcançar uma outra relação com os objetos. A formação do supereu sofre o mesmo destino da primeira paciente. O mito do pai e a desvalorização muito prematura e real da mãe deixaram o supereu em seus estágios iniciais, i.e., estilhaçado no apoio nas pessoas do mundo externo.

Minhas senhoras e meus senhores, esta conferência apresenta apenas uma aplicação do que é bem conhecido para a explicação de estados desconhecidos. A identificação narcísica como estágio inicial do investimento objetal e a introjeção do objeto como regressão após a sua perda são uma das mais importantes descobertas de Freud e Abraham. O exemplo clássico deste processo nos fornece a melancolia, e seria uma omissão flagrante, neste ponto, não fazer a comparação com os mecanismos deste quadro clínico. Na melancolia o objeto está no eu, incluído no palco da vida interior, e o supereu forte e agressivo resolve o seu conflito com os objetos introjetados na mais completa independência do mundo externo. Em nossas pacientes “como se” o objeto permanece no mundo externo, e no processo de identificação com os objetos no mundo externo se resolvem todos os conflitos.

Nós conhecemos, a partir de casos clínicos histéricos, o processo através do qual o recalque do afeto [*Affektverdrängung*] promove uma libertação de angústia e representa uma saída para o conflito. Em nossas pacientes, a perda prematura dos afetos ou o seu empobrecimento fornecem a mesma vantagem econômica no sentido de libertação de conflitos, mas esta vantagem precisa ser paga com um empobrecimento da personalidade.

Em nosso caso clínico, o conflito melancólico com o supereu pode ser, assim, evitado. O “como se” se subordina em cada gesto, por identificação, aos desejos e ordens da instância objetivada e fraca do super eu no mundo externo.

A “incorporação oral” da melancolia não pode ser analiticamente comprovada nos meus casos. É possível que cada identificação represente, em última instância, um esforço para se apropriar do objeto pela via oral. No entanto, é muito diferente quando isto ocorre nos vestígios de uma maneira própria de ser há muito soterrada, ou quando é uma experiência individual, tal como na melancolia.

O fato de que nos “como se” a continuidade de todo o processo está assegurada na realidade resulta que, apesar da vida interior de nossas pacientes se aproximar estruturalmente da psicose através da pobreza de objeto e através da permanência em um estágio narcísico, a sua condição no entanto não se impõe como psicose.

Em uma observação objetiva, porém, é preciso considerar fortemente a disposição familiar de nossa segunda paciente e refletir se o quadro clínico não corresponde a uma esquizofrenia que permaneceu latente. Talvez a única diferença seja que o processo de restituição da esquizofrenia recusa o mundo real e em seu lugar cria uma construção delirante. Soa um pouco absurdo quando manifestamos a suposição de que o mundo real das pessoas “como se” é psicologicamente idêntico à

construção delirante do esquizofrênico, e de tratar-se apenas de uma diferença de gradação quando o mundo desvendado pela libido, também nas pessoas “como se”, não ser fantástico, mas real. Eu até mesmo suponho que o processo esquizofrênico também atravessasse uma fase “como se” antes de construir o quadro delirante. Permitam-me ilustrar o que foi dito através de um episódio da análise de uma paciente esquizofrênica.

A jovem me procurou depois de um estado de confusão mental catatônico, já orientada na realidade, mas repleta de ideias delirantes. Como resultado da transferência que ela estabeleceu, logo abandonou tantas de suas ideias delirantes e excentricidades que podia transmitir a leigos a impressão de ser uma pessoa saudável. Por esta paciente, que tinha uma visão extraordinariamente clara de suas experiências, eu soube que a irrupção de sua doença instalou-se com uma dolorosa desvalorização do pai na puberdade. Até a irrupção do estado de confusão mental ela levava uma existência que quase não se diferenciava das minhas pacientes “como se”. Apenas a sua ligação a objetos sempre homossexuais, com os quais se identificava, era mais intensa, mas ao mesmo tempo mais instável na sequência, e com uma extraordinária prontidão para mobilizar uma grande aptidão para adaptar-se ao objeto do momento. Através da labilidade destas relações ela mudava os locais de residência, seus estudos e seus interesses quase como na mania, porém sem o estado afetivo maníaco. A última identificação levou a jovem, de família americana rica, para uma célula comunista em Berlin. Um súbito abandono por parte de seu objeto conduziu-a de lá para Paris, onde ela queria procurar uma francesa praticamente esquecida. Aqui ela entra em um estado paranóide, o qual gradualmente a conduz a uma grave confusão mental. A sua relação comigo a reconduz ao seu estado inicial e a família decide, apesar de minha advertência, interromper a análise e partir em viagem. A paciente não está em condições de gerar o afeto necessário para protestar contra isso. Ela compra um cachorro e um dia me conta que agora estava tudo bem, que ela não ficaria mais confusa porque só precisaria imitar o cachorro para saber como deveria viver. Na análise dos fragmentos de seus estados de confusão mental podemos constatar que o processo de identificação com o ambiente também estava contido na identificação com o cachorro, só que a identificação não se limitava mais a objetos individuais e humanos mas transbordava e se transferia a objetos mortos, conceitos, símbolos, etc, o que conferia ao processo o seu caráter delirante. Somente a perda de sua capacidade de identificação com objetos humanos possibilitou a abertura para a construção do novo mundo delirante.

Uma outra paciente esquizofrênica sonha durante anos um sonho recorrente no qual ela, no maior sofrimento, procura por sua mãe, que no entanto não consegue encontrar porque enxerga infindáveis multidões de mulheres, todas elas com a aparência de sua mãe, de modo que ela não consegue identificar a autêntica. Este sonho me fez pensar no grande número de figuras maternas que se repetem de modo estereotipado nas esculturas de minha paciente “como se”,

Eu gostaria ainda de acrescentar algumas perspectivas de diagnóstico diferencial. O estado afetivo das pacientes poderia despertar a suspeita de tratar-se, aí, do bloqueio de afeto de pessoas narcísicas, que desenvolvem uma ausência de sentimentos através do recalque de afeto. Existe aqui um tipo no qual a ausência de afeto não é sentida como uma carência, mas sim como um acréscimo utilizado a serviço de uma satisfação narcísica. Mas estas pessoas que sofrem de um tal bloqueio afetivo não procuram imitar a experiência afetiva do mesmo modo que nossas pacientes “como se”, o que é uma diferença fundamental. Na análise destes pacientes, sempre se constata que as antigas fixações objetais e agressões estão submetidas ao

recalque e não estão à disposição da personalidade consciente. A parte recalçada e afetivamente investida sempre é descoberta pelo analista; às vezes até se tem sucesso em voltar a disponibilizar ao paciente, através de caminhos analíticos, o capital de sentimento ocultado. Um paciente meu, bloqueado em seus afetos, tinha conseguido bloquear inteiramente da memória a figura de sua mãe, que falecera quando ele tinha cinco anos, e era evidente que na ligação com esta mãe estava contida a melhor parte dos seus sentimentos. Na análise emergiam, com extraordinária lentidão, sob efeito de uma transferência bastante fraca porém existente, algumas lembranças desta época amnésica. Estas primeiras recordações tinham um caráter de ódio e recusa de qualquer ternura. É certo que o motor de um tal recalque de objeto só pode engrenar na ambivalência da relação. Este paciente oferecia ainda uma peculiaridade que gostaria de mencionar, por ela nos conduzir a um outro aspecto do bloqueio afetivo, a saber, à despersonalização. Como mencionado, o paciente viveu, até a sua análise, numa auto-satisfação inabalável. Defendia-se com todas as forças da transferência. Nas horas que claramente se situavam sob o signo de uma transferência *in statu nascendi* podia acontecer do paciente apresentar queixas sobre o aparecimento repentino do estado de despersonalização. Ficava claro que a despersonalização correspondia à percepção de uma mudança de investimento. Fica em questão se isso se relaciona com a percepção de um fluxo libidinal emergente do recalque, ou da percepção do recuo do já existente investimento libidinal da transferência.

A delimitação entre os nossos estados “como se” e a despersonalização aparece ainda com maior facilidade, já que este distúrbio é acompanhado por uma ênfase especial que o paciente coloca na sua falha. Esta ênfase, como expressão de uma auto-observação acentuada, é considerada por Eidelberg e Bergler, com toda a razão, como patognomônica da despersonalização. De qualquer modo, devo dizer que pude observar a forte importância do exibicionismo recalçado que estes autores supõem também em pacientes com bloqueio afetivo. Creio que tal exibicionismo será encontrado em qualquer lugar em que bloqueios narcísicos importantes estejam presentes.

Eu considero o estado por mim descrito como uma pequena variação em uma numerosa série de personalidades esquisitas, anormais, loucas. Não podemos inseri-las em nenhuma forma de neurose e, no entanto, elas estão insuficientemente rompidas com o ambiente para serem designadas como psicóticas. Creio que vale a pena submeter estes tipos excêntricos a uma observação analítica, na medida em que estejam acessíveis à análise. Talvez possamos dar uma contribuição à conta gotas à região da psicologia do eu, em especial aos distúrbios afetivos.

Freud uma vez expressou, para um pequeno círculo, a opinião de que podemos nos imaginar totalmente felizes, como aquele narcisista que vive na mais absoluta independência psíquica em relação ao ambiente. Aquele narcisista feliz me parece ser apenas uma construção teórica, pois aquele com quem nos deparamos na vida, em sua múltipla dependência da aprovação de sua auto-satisfação narcísica, é um escravo maior do que a pessoa aquecida por afetos. Ele pouca semelhança tem com a minha pessoa “como se”. No entanto, acredito que encontramos ambos nas multidões reunidas no III. Canto do Inferno de Dante:

Estes viviam sem desonra e sem prêmios,  
Eles estão misturados com aquelas más multidões  
Com aqueles anjos, que nem rebeldes  
Nem fiéis ao Senhor – mas para si foram

-----

Não fala deles: contempla e caminha adiante.

O final vale para o inferno. Nós, analistas, devemos dirigir-lhe a nossa atenção e por isso gostaria, ainda, de dedicar algumas palavras ao sucesso terapêutico da psicanálise nas pessoas “como se”: o efeito do processo analítico nestas pessoas é nulo. Mas o resultado prático pode ser muito amplo, quando se tira proveito da forte identificação com o analista, no sentido de uma intervenção ativa e favorável sobre o paciente.

---

## 6) Experiências de estudo e trabalho

### Rede de Psicanálise e Psiquiatria do Corpo Freudiano

O psiquiatra e psicanalista Mario Eduardo Costa Pereira, do Núcleo São Paulo, propôs a criação de uma Rede de Psicanálise e Psiquiatria do Corpo Freudiano, que consistiria num grupo de trabalho e reflexão sobre as relações entre esses dois campos, tanto do ponto de vista teórico como clínico. Os resultados das trocas deverão se materializar em produções que possam estabelecer um diálogo efetivo sobretudo com psiquiatras, não necessariamente psicanalistas, que experimentam um mal-estar com os rumos excessivamente técnicos da especialidade e buscam meios de tornar sua teoria e prática mais humana e sensível às questões da subjetividade e da singularidade que emergem da clínica. Desta forma, a rede debateria o lugar do sujeito na psicopatologia e nas práticas clínicas em psiquiatria/saúde mental, procurando novas formas de conceber uma leitura das neurociências que não seja incompatível com o sujeito do inconsciente e de explicitar uma ética da prática psiquiátrica que justamente coloque em primeiro plano a questão do desejo e da responsabilização do sujeito por sua posição desiderativa. Divulgamos a lista dos psiquiatras que aceitaram participar deste projeto, visando os objetivos teóricos da proposta e a possibilidade de encaminhamentos de pacientes que necessitem também de um acompanhamento psiquiátrico.

Aine Samaoui (Corpo Freudiano, Rio) – [alineunirio@hotmail.com](mailto:alineunirio@hotmail.com)

Francisco Frazão (Corpo Freudiano, São Luís) - [francisco.frazaouol.com.br](mailto:francisco.frazaouol.com.br)

Karen Marcella de Aquino (Corpo Freudiano, Rio) –  
[karenmarcelladeaquino@gmail.com](mailto:karenmarcelladeaquino@gmail.com)

Luciano Ladeira (Corpo Freudiano, Nova Friburgo) – [l.ladeira@uol.com.br](mailto:l.ladeira@uol.com.br)

Marco Antonio Coutinho Jorge (Corpo Freudiano, Rio) –  
[macjorge@corpofreudiano.com.br](mailto:macjorge@corpofreudiano.com.br)

Maria Teresa Lamberte (Corpo Freudiano, São Paulo) – [teresalamberte@uol.com.br](mailto:teresalamberte@uol.com.br)

Mario Eduardo Costa Pereira (Corpo Freudiano, São Paulo) –  
[marioecpereira@uol.com.br](mailto:marioecpereira@uol.com.br)

---

Seção Rio de Janeiro

Seminário: O laboratório do psicanalista, com Marco Antonio Coutinho Jorge



Ao longo do primeiro semestre deste ano de 2017, o diretor da Seção Rio de Janeiro dedicou seu seminário ao tema do trabalho analítico como um verdadeiro laboratório em que a psicanálise é reinventada a cada sessão. Ao longo de mais de duas décadas, Marco Antonio Coutinho Jorge se dedica a investigar em seu seminário as mais diversas questões teórico-clínicas, tão importantes quanto originais, o que faz com que este seja um espaço de grande valor para a formação do psicanalista, no qual o estudo teórico da prática clínica com os pares se revela extremamente frutuoso.

Em suas recomendações aos analistas, Freud assinala que as indicações que propõe são resultado de sua experiência e pretendem poupar aos que exercem a psicanálise tanto o esforço desnecessário quanto algumas inadvertências. Nessa direção, o “laboratório” de cada analista funciona como um local privilegiado e bastante amplo de experimentações, uma vez que, como asseverou Freud, na clínica analítica pesquisa e tratamento coincidem. Foi partindo destas considerações que nos dedicamos a estudar, ao longo do semestre, diversos conceitos e noções cruciais para o clínico, tais como transferência, interpretação, desejo do analista, pulsão, fantasia, luto, os quatro discursos, dentre muitos outros, recorrendo a textos relevantes da tradição clínica, muitas vezes relegados ao esquecimento.

Dentre as variadas oportunidades de discussão, que por vezes geraram nos participantes efeitos tão diversos quanto a angústia, a sensação de se colocar em movimento e o entusiasmo, destacamos o encontro dedicado aos três objetivos da análise: amar, trabalhar, deliberar – sendo os dois primeiros expressamente sublinhados por Freud e o último destacado por Coutinho Jorge a partir de uma consideração do conjunto da obra freudiana. A prática clínica da psicanálise só se sustenta quando o analista encontra oportunidade de se dedicar à sua formação permanente, a qual favorece que nos tornemos menos surdos às formações do inconsciente, que insistem em se fazer ouvir.

Juliana Leal Vaz (Corpo Freudiano, Rio)  
Bruno Albuquerque (Corpo Freudiano, Rio)

## Seção São Luís Seminários

A Seção que vai sediar o próximo Encontro Nacional do Corpo Freudiano divulga aos membros da Escola os seguintes seminários:

As psicoses, com Francisco Frazão (quinzenal, sábado de manhã)  
A ética da psicanálise, com Agostinho Marques (mensal)

## Núcleo Macaé Grupos de estudo



Neste ano, o Núcleo Macaé completa 10 anos de atividades. Unindo-nos a esta comemoração, divulgamos a programação do mês de agosto. Os grupos de estudo acontecem no Edifício Petro Office, localizado na Av. Elias Agostinho, 340, sala 709, Imbetiba.



### AGENDA • agosto

|   |   |
|---|---|
| <b>08/08</b> – Lendo Freud - Das Conferências Introdutórias – Os Sonhos – ( 1916 -1917)<br><b>Horário</b> – 19h30<br>Local: Condomínio do Edifício Petro Office – Av. Elias Agostinho, 340, sala 709 – Imbetiba – Macaé- RJ<br>Coordenação: Paulo Vinicius                  | <b>12/08</b> – Formação Básica - Abertura do Segundo Módulo : Inconsciente e Pulsão.<br><b>Horário</b> – 9h<br>Local: Sala de reunião do Condomínio do Edifício Petro Office – Av. Elias Agostinho, 340 – Imbetiba – Macaé- RJ<br>Coordenação: Felipe Castelo Branco  |
| <b>10, 17, 24, 31/08</b> – Leitura do Seminário 11 - Quatro Conceitos Fundamentais da Psicanálise.<br><b>Horário</b> : 19h30<br>Local: Condomínio do Edifício Petro Office – Av. Elias Agostinho, 340, sala 709 – Imbetiba – Macaé- RJ<br>Coordenação : Ligia Haettman      | <b>22/08</b> – Lendo Freud - Das Conferências Introdutórias – Os Sonhos – ( 1916 -1917 )<br><b>Horário</b> – 19h30<br>Local: Condomínio do Edifício Petro Office – Av. Elias Agostinho, 340, sala 709 – Imbetiba – Macaé- RJ<br>Coordenação: Paulo Vinicius   |
| <b>11/08</b> – Lendo Freud – Das Conferências Introdutórias – Os Atos Falhos - ( 1916 - 1917 )<br><b>Horário</b> : 16h<br>Local: Condomínio do Edifício Petro Office – Av. Elias Agostinho, 340, sala 709 – Imbetiba – Macaé- RJ<br>Coordenação: Vera Maria M.B. Fragoso    | <b>25/08</b> - Lendo Freud – Das Conferências Introdutórias – Os Atos Falhos<br><b>Horário</b> : 16h<br>Local: Condomínio do Edifício Petro Office – Av. Elias Agostinho, 340, sala 709 – Imbetiba – Macaé- RJ<br>Coordenação: Vera Maria M.B. Fragoso  |
| <b>11/08</b> -Formação Permanente : leitura do Seminário 11 (capítulo XI – Análise e verdade ou o fechamento do inconsciente).<br><b>Horário</b> : 18h30<br>Local: Sala de reunião do Condomínio do Edifício Petro Office – Av. Elias Agostinho, 340 – Imbetiba – Macaé- RJ | <b>25/08</b> – Formação Permanente: leitura do Seminário 11 (capítulo XII - A sexualidade nos desfiles do significante)<br><b>26/08</b> - Formação Básica: A função do significante nas formações do inconsciente.<br><b>Horário</b> : 9h<br>Local: Sala de reunião do Condomínio do Edifício Petro Office – Av. Elias Agostinho, 340 – Imbetiba – Macaé - RJ<br>Coordenação: Sonia Leite |

Corpo Freudiano  
Escola de Psicanálise  
Núcleo Macaé



## Fundação do Núcleo Nova Friburgo



No dia 1º de julho de 2017 foi fundado o Núcleo Friburgo do Corpo Freudiano Escola de Psicanálise, com a presença de Marco Antonio Coutinho Jorge, que falou sobre a prática psicanalítica, tema de seu último livro, assim como sobre o compromisso com a causa freudiana e o ensino lacaniano.

O evento se iniciou com uma retrospectiva, lembrando grupos de estudo com Anchyses Jobim Lopes, Angela Utchitel e Raymundo Reys Neto, que exerceram importante influência no encontro de muitos dos presentes com a psicanálise. Foram lembrados os pioneiros Dayana, Raquel, Felipe, Zoraya, Judson e Matheus, que estabeleceram o primeiro contato com o Núcleo Teresópolis, onde a acolhida de Joana Souza veio ao encontro do desejo de ter em Nova Friburgo uma Escola em que o ensino da psicanálise fosse permanente.

Os membros do Colegiado do Núcleo Nova Friburgo, Dayana Cuastodio Rodrigues, Felipe Sader, Genaldo Dantas, Izaura Gazen, e Zoraya Pinheiro, na ocasião apresentaram um resumo das atividades realizadas no último ano, informaram sobre os grupos de leitura que estão acontecendo atualmente e anunciaram para agosto a abertura de inscrições para a Formação Básica em Psicanálise.

Estiveram presentes compondo a mesa Raymundo Reys Neto, psicanalista e professor, coordenador da Pós-Graduação em Teoria e Clínica Psicanalítica da UNESA; Joana Souza, psicanalista, Mestre em Psicanálise e Diretora do Corpo Freudiano Núcleo Teresópolis; Lucia Perez, Doutora pelo Instituto de Psiquiatria da UFRJ; Marco Antonio Coutinho Jorge e Nadiá Paulo Ferreira, psicanalista e professora luso-brasileira, autora de diversas obras e artigos sobre literatura e psicanálise.

A realização deste evento contou com o apoio e colaboração da Câmara de Vereadores de Nova Friburgo, pela cessão do local; da Editora Zahar, com a disponibilidade dos livros de Marco Antonio Coutinho Jorge; da Doces Sader, com a contribuição de itens do coffeebreak; e de Salvador, pela cobertura fotográfica. O Núcleo de Nova Friburgo expressa a estes sua gratidão.

## 7) Próximos eventos

1º de agosto: Aula inaugural da Seção Rio com Denise Maurano, Membro da Escola:  
“Ressonâncias da memória na dimensão cantante da palavra”

---

5 de agosto: Aula inaugural da Seção Cuiabá com Marco Antonio Coutinho Jorge  
“Amar, trabalhar, deliberar: sobre a finalidade da psicanálise”

**Corpo Freudiano Escola de Psicanálise Núcleo Cuiabá**  
Apresenta:

**Seminário de abertura das atividades do semestre:**  
**“Amar, trabalhar, deliberar-  
sobre a finalidade da  
psicanálise”.**

**Marco Antônio Coutinho Jorge**  
Psicanalista e médico psiquiatra, é professor do Programa de Pós-graduação em Psicanálise da UERJ. Diretor do Corpo Freudiano Seção Rio de Janeiro. É membro da Sociedade Internacional de História da Psiquiatria e da Psicanálise, além de correspondente da Association Instance (Paris/Bruelas).

**Dentre seus livros encontram-se:**  
*Fundamentos da psicanálise de Freud a Lacan, vol.1: As bases conceituais; Fundamentos da psicanálise de Freud a Lacan, vol.2: a clínica da fantasia; Freud: Criador da psicanálise e Lacan: O grande freudiano.*

**Laçamento do Livro: Fundamentos da Psicanálise de Freud a Lacan – Volume 3: “A prática analítica”.**

◦ Data: 05/08/2017  
◦ Horário:  
Início: 9h30 – 12h30m  
Coffee Break 12h30 – 13h30  
Retorno do Seminário 13h30-15h30m  
◦ Profissionais R\$120,00  
◦ Estudantes R\$ 60,00

**Inscrições por e-mail ou telefone/ WhatsApp:**  
**(65) 9-9994-9858**  
[corpofreudiano.nucleocuiaba@hotmail.com](mailto:corpofreudiano.nucleocuiaba@hotmail.com)

A confirmação da inscrição será mediante o envio da foto do comprovante de depósito pelo WhatsApp. A conta será informada no momento da inscrição (e-mail ou WhatsApp).



5 de agosto: Aula inaugural do Núcleo Vassouras e inauguração da nova sede



**Corpo Freudiano Escola de Psicanálise – núcleo Vassouras**

**Convida para conhecer a nova sede:**  
**Rua Caetano Furquim, 266 – Centro**

**Teremos uma aula inaugural seguida de delicioso *brunch* para comemorarmos!**

**Dia: 05/08**  
**Hora: de 09 as 12 h**

7 a 28 de agosto: Exibição e debate de 4 estórias do filme *Relatos selvagens*



convida

## TRIBUNA LIVRE NO PALÁCIO

IDEALIZAÇÃO **Silvia Monte** DIRETORA DO CCMJ

CURADORIA E MEDIAÇÃO **Marlise Eugenie D'Icarahy**  
PSICANALISTA E PSICÓLOGA / VARA DE EXECUÇÃO DE MEDIDAS SOCIOEDUCATIVAS DO TJRJ

exibição de 4 estórias do filme e debate

# RELATOS SELVAGENS

DIREÇÃO **Damián Szifron** PRODUÇÃO **Argentina - Espanha / 2014** CENSURA **14 anos**

**Sala Multiuso ■ segundas-feiras ■ 19h**  
**Entrada Franca ■ Distribuição de senhas às 18h30 ■ 60 lugares**



### 7 de agosto

RELATO NA TELA:

**Bombinha** 22'54"

DEBATEDORA:

**Rita Maria Manso de Barros**

PSICANALISTA, PROFESSORA TITULAR DA UNIRIO E  
PROFESSORA ASSOCIADA DA UERJ

### 14 de agosto

RELATO NA TELA:

**O Mais Forte** 18'14"

DEBATEDORES:

**Roberto Baptista Almeida** MESTRE EM TEORIA DA LITERATURA E  
PROFESSOR DO ENSINO MÉDIO ESTADUAL DO RIO DE JANEIRO

**Sônia Leite** PSICANALISTA, COORDENADORA DA RESIDÊNCIA  
MULTIPROFISSIONAL EM SAÚDE MENTAL DO CENTRO PSIQUIÁTRICO RJ / UERJ



### 21 de agosto

RELATO NA TELA:

**A Proposta** 23'08"

DEBATEDORES:

**José Ricardo Cunha** PROFESSOR ASSOCIADO DA FACULDADE DE  
DIREITO DA UERJ, MESTRE EM DIREITO CONSTITUCIONAL, PUC RIO

**Lucia Maria de Freitas Perez** PSICANALISTA E DOUTORA EM  
CIÊNCIAS DA SAÚDE PELO IPUB/UFRRJ, PROFESSORA ADJUNTA DA UNIRIO

### 28 de agosto

RELATO NA TELA:

**Até que a morte nos separe** 29'47"

DEBATEDOR:

**Marco Antônio Coutinho Jorge**  
PSIQUIATRA E PSICANALISTA - PROFESSOR ASSOCIADO DO  
INSTITUTO DE PSICOLOGIA DA UERJ, DIRETOR DO  
CORPO FREUDIANO SEÇÃO RIO DE JANEIRO



CICLO DE DEBATES | AGOSTO/2017

**APJ-Rio | Antigo Palácio da Justiça**  
**Sala Multiuso**  
Rua Dom Manuel, 29, Térreo  
Centro, Rio de Janeiro, RJ  
Telefones: (21) 3133-3366/3133-3368



**PODER JUDICIÁRIO**  
ESTADO DO RIO DE JANEIRO

REALIZAÇÃO

**DGCOM** | Diretoria-Geral de Comunicação e de Difusão do Conhecimento

**DECCO** | Departamento de Gestão e Disseminação do Conhecimento

**CCMJ** | Museu da Justiça - Centro Cultural do Poder Judiciário



11  
AGO

## O real, o simbólico e o imaginário

Organizado por Conselho Regional de Psicologia do Paraná · Público

11 de agosto: Conferência  
O real, o simbólico e o imaginário

Com o lançamento do livro *Fundamentos da psicanálise, de Freud a Lacan – volume 3: a prática clínica*, de Marco Antonio Coutinho Jorge. O evento é organizado pelo CRP do Paraná e acontecerá na Av. São José, 699, Cristo Rei.

## Diálogos do Lacaneando Curitiba

### AMOR, DESEJO E GOZO



Marco Antonio Coutinho Jorge – Psicanalista e psiquiatra. Diretor da Seção Rio de Janeiro do Corpo Freudiano. Professor do Programa de Pós-graduação em Psicanálise da UERJ. Membro da Association Internationale (Paris) e da Sociedade Internacional de História da Psiquiatria e da Psicanálise (Paris). Autor de *Fundamentos da psicanálise, v.1: as bases conceituais* (Zahar, 2000), *v.2: a clínica da fantasia* (Zahar, 2010) e *v.3: a prática psicanalítica; e As homossexualidades na psicanálise na história de sua despatologização* (Segmento Farma, 2013).



Ana Suy Sesarino Kuss – Psicanalista. Mestre em Psicologia pela UFPR. Doutoranda em Pesquisa e Clínica em Psicanálise na UERJ, professora universitária e escritora. Autora do livro *Amor, Desejo e Psicanálise* (Juruá Editora).



Tatiana Assadi – Psicanalista. Doutora em Ciências Médicas pela Unicamp e pós-doutora em Psicologia Clínica pela USP. Membro do Fórum do Campo Lacaniano de São Paulo e AME da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano. Autora e organizadora do livro: *A pele como litoral: fenômeno psicossomático e psicanálise* (Annablume, 2011), junto com Heloisa Ramirez e Christian Dunker.

Mediação: Patrícia Corsetto – Jornalista

12 de agosto  
Diálogos do Lacaneando  
Curitiba

Debate  
Amor, desejo e gozo

Com o lançamento do livro *Fundamentos da psicanálise, de Freud a Lacan – volume 3: a prática clínica*, de Marco Antonio Coutinho Jorge

Sábado, 12 de agosto de 2017

Horário: 11h00 às 13h30

Livraria da Vila – Batel

Avenida do Batel, 1.868

Evento aberto e gratuito

Com emissão de certificado

Inscrições: lacaneando@gmail.com

Após o debate, lançamento do livro *Fundamentos da Psicanálise de Freud a Lacan – volume 3, de Marco Antonio Coutinho Jorge.*

LIVRARIA DA VILA

navega  
TURISMO

Fórum do Campo Lacaniano  
Curitiba - em formação

17 de agosto: Conferência na Seção Belém de Nadiá Paulo Ferreira, Membro da Escola: “O que é o amor para a psicanálise?”, com o lançamento de seu livro *Cantos de amor sem fim*



**CONFERÊNCIA:**

**O QUE É O AMOR  
PARA A PSICANÁLISE?**

**LANÇAMENTO DO LIVRO  
CANTOS DE AMOR SEM FIM**

17.08.2017 • 19h • ACADEMIA PARAENSE DE LETRAS  
(Rua João Diogo, 235, Campina)

**ENTRADA FRANCA!**

PRESENÇA DA AUTORA **NÁDIA PAULO FERREIRA**  
Psicanalista, Doutora, professora titular de literatura  
portuguesa e colaboradora do Programa de  
Pós-Graduação em Psicanálise da Uerj.

Realização:  
**CORPO FREUDIANO**  
ESCOLA DE PSICANÁLISE  
Seção Belém

---

## 8) Ficha técnica

Editoração: Bruno Albuquerque (brunopintodealbuquerque@gmail.com)

Colaboração: Macla Ribeiro Nunes (macla.nunes@unirio.br)